

A PERSONALIDADE IRASCÍVEL:
CONSIDERAÇÕES SOBRE O *SPLITTING* ENTRE O GÊNIO E O TEMPERAMENTO
| ARNALDO CHUSTER¹

RESUMO

O autor parte da observação de um *splitting* muito primitivo na vida mental relacionado com inevitáveis falhas da função alfa, e desenvolve a ideia de que dois destinos simultâneos são possíveis: temperamento e gênio de um indivíduo. O temperamento está mais relacionado a conduta social e o gênio costuma aparecer nas relações íntimas. Ambos envolvem julgamento e decisão nas escolhas e na forma de Ser. Uma das possibilidades de ilustrar essa situação aparece no que denomino de personalidade irascível, tomando como exemplo a distinção feita na literatura por José de Alencar no sublime romance *O sertanejo*.

Palavras-chave: personalidade irascível, função alfa, fato selecionado, parte psicótica da personalidade, parte não psicótica da personalidade, vínculos.

ABSTRACT

The author starts from observations on the most primitive splitting of mental life connected to unavoidable failures of alpha function. Such condition creates two possible destinies: temper and genius of a person. Temper is more related to social behavior and genius is more related to intimate relations. Both are implied in judgment and decisions of choices and the way of Being. One of the possibilities to illustrate this condition is described in which the author calls Irascible Personality, taking as an example the distinction made in literature by José de Alencar in the romance *O sertanejo*.

Keywords: irascible personality, alpha function, selected fact, psychotic personality, non-psychotic personality, bonds.

¹ Médico psiquiatra e psicanalista didata da Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro - SPRJ

INTRODUÇÃO

O presente trabalho se propõe a dialogar sobre uma das mais importantes e profundas contribuições de Bion à psicanálise contemporânea: a Teoria do Pensar (1962) e seus desdobramentos clínicos e teóricos. Procuo também ilustrar esse diálogo com material clínico.

|
Bion apresentou no Congresso da IPA em Edimburgo (1962) sua Teoria do Pensar que vinha desenvolvendo como consequência da sua releitura através de uma ética trágica do mito de Édipo no trabalho *Sobre arrogância* (1957).

Houve uma apresentação prévia deste trabalho na Sociedade Britânica de Psicanálise, sobre a qual temos uma carta com o comentário de D. Winnicott, de certo modo descrevendo uma perplexidade e ao mesmo tempo uma curiosidade com algo que parecia ser uma novidade de difícil apreensão.

Em *Sobre arrogância* (1957), essa releitura deslocou a ênfase da psicanálise na sexualidade para uma ênfase na busca da verdade. A sexualidade passava a ser o drama que contém no seu centro a tragédia da inacessibilidade à verdade. E sendo assim não há saída para o ser humano senão através de seu pensar e de sua capacidade para imaginar o que seria a verdade caso chegássemos a ela. Aproximações incessantes da verdade em todas as atividades constituem o desenvolvimento humano.

Nesta forma de relação aproximativa com a verdade ocorre um “tornar-se” mais do que um saber, e neste confronto um espectro se instala sendo um polo em direção à verdade e outro em direção à mentira e fenômenos equivalentes (Bion, 1965, 1975).

A *Teoria do pensar* constitui o principal pilar teórico da obra de Bion, e despertou na ocasião inúmeras reações contrárias. Na apresentação, pessoas se manifestaram perplexas após a primeira frase do trabalho e, na segunda frase, um psicanalista proeminente levantou-se e protestou bradando em voz alta que aquilo não era psicanálise, e sim o “produto de uma mente insana”. Após a declaração ele e

outros de seu séquito político se retiraram da sala.

Bion permaneceu tranquilo diante do fato, apenas constatando mais uma entre tantas rejeições ao seu talento único. Ciente de ser ele mesmo e de onde desejava ir como psicanalista Bion nada tinha a dizer sobre esse tipo de reação. Ela nada acrescentava e só atestava a dificuldade para pensar.

Essas reações nunca cessaram de ocorrer e persistem até os dias de hoje.

Na primeira frase do trabalho, Bion disse que a psicanálise é uma resposta prática para questões filosóficas (ou seja, questões da vida, e que os filósofos sabem colocar muito bem).

Na segunda frase limitou o campo desta prática afirmando que deveria ser regido pela mesma relação existente entre a matemática pura e a matemática aplicada. Ou seja, a psicanálise necessita de especificar seu campo com princípios epistemológicos para evitar a interferência de hábitos, mitos, e crenças. Posteriormente, Bion salientou o Princípio ético-estético (Chuster, 1999, 2002, 2011, 2014) da Incerteza como necessário e fundamental para que se possa transitar do campo do objeto simples para o objeto complexo, que tem no objeto psicanalítico² de Bion (Chuster, 2011) sua tradução mais completa. A Teoria do Pensar é um exemplo dessa transição na psicanálise.

Penso que Bion foi acusado de “insano” e, sucessivamente, a cada trabalho que escrevia, de “confuso” ou “hermético” porque é evidente que na mentalidade dos acusadores não é possível ser filósofo e psicanalista. Mais ainda, se o indivíduo é filósofo, ele não é psicanalista, e as duas atividades nada tem a ver com matemática.

² O objeto psicanalítico é o objeto da psicanálise para Bion. Ele aparece no cap.22 de Aprender da Experiência (1962) através da fórmula $(\pm Y) (M)$, significando que a pré-concepção busca uma realização que a transforme em concepção no espectro narcisismo/socialismo sob a influência constante da complexidade (Chuster, 2011).

Deste modo, pretender numa teoria associar a psicanálise, a filosofia, e a matemática parecia aos acusadores algo imbecil, suspeito e até mesmo perverso. Ao longo dos anos Bion continuou sofrendo um progressivo “gelo” de seus colegas. Em 1965 contavam-se nos dedos as pessoas que se dispunham a ter com ele uma verdadeira interlocução. Era considerado pelo *Establishment* como sendo no mínimo um kleiniano “exótico” e no extremo um “louco”. Não foi sem razão que ao se mudar para a Califórnia em 1968 declarou que era a alternativa para “não ser sufocado por honrarias³ e naufragar sem deixar vestígios”.

Todavia, longe de ser “insano”, “confuso” ou “exótico”, Bion, indo muito além do seu tempo, estabelecia um diálogo com a ciência e, através da sua imaginação, sua autonomia institucional e, uma forte intuição correspondente, captava o que se chama hoje em dia de Teoria da Complexidade. Ao realizar isto ele colocava uma interface entre psicanálise, filosofia e matemática, e indo de uma a outra, deslizando com a linguagem, podia se propor novos problemas.

Sua tentativa era estabelecer e exercer uma proposta fundamental: pensar de uma forma diferente - nem que seja por breves momentos - sobre a psicanálise.

II

Para tentar deixar um pouco mais clara a proposta de Bion, ressalto que quando se começa a pensar de outra forma e, mais ainda, como consequência disto, se começa a trabalhar de outra forma, algo de subversivo ocorre. Então, diante da subversão do sistema (que produz turbulência emocional) a tentação é tranquilizar-se com alguma teoria conhecida que tenha status institucional do tipo: “Freud já disse isso”, “Winnicott falou a mesma coisa em outras palavras”.

Mas a proposta solicita de vocês leitores que não façam comparações. Pois são paradigmas distintos.

³ Bion considerava ofensas e elogios como fenômenos da mesma ordem. A intenção de ambos é paralisar o pensamento caso se acredite nestas “honrarias”. A frase faz parte do epitáfio de David Hume.

Eu sei que é muito difícil conservar essa posição não comparativa e, mais ainda, falar em mudança de paradigma na psicanálise. As oposições e ironias maliciosas costumam distorcer as palavras e são muito cansativas. É também muito cansativo quando existe apenas concordância e, algumas vezes, algo bem pior que é a simulação de entendimento. Todavia é muito satisfatório quando encontramos interlocutores que de uma forma autônoma conseguem dizer o que nós mesmos não podemos dizer. É deste diálogo que emerge algo mais além do que era conhecido. A prática da psicanálise não deveria ser diferente disto e a teoria apenas expressar um sumário da nossa experiência adquirida.

HIPÓTESE DEFINITÓRIA

O dicionário Aurélio Buarque de Holanda define irascível como o indivíduo que se ira com facilidade; iracundo.

Antes de prosseguir penso que é importante especificar se existe alguma diferença entre ódio e ira. Sabemos que, em geral, trata-se do mesmo sentimento, mas a ira será considerada como o ódio cuja intensidade o faz transbordar em ações descontroladas e com nítidos sinais físicos de sua existência. Na Teoria do Pensar de Bion (1962a) estes sinais foram chamados hipoteticamente de elementos-beta, o resultado da falência da função-alfa, a função que cria os também hipotéticos elementos-alfa, aqueles propícios à memória, aos pensamentos, e aos símbolos⁴.

Os elementos-beta foram redefinidos por Bion (1987) através da linguagem não saturada da poesia de John Donne, *The Second Anniversary*: "... seu sangue puro é eloquente; fala em suas faces de forma tão intensa; que quase se diz aí há um corpo que pensa".

Um bom exemplo do uso da palavra irascível nos é dado pelo próprio dicionário

⁴ A função-alfa é também a que cria os objetos internos que se desdobram como conceitos de vida existentes na barreira de contato entre consciente e o inconsciente e, cria o campo psicanalítico, além de permitir que trabalhemos com o Objeto Psicanalítico (Bion, 1962; Chuster, 2011).

através da frase de um dos mais sublimes textos de nossa literatura, *O sertanejo*⁵, de José de Alencar: “Marcos Fragoso era de ânimo generoso, ornado de prendas de cavalheiro; mas tinha o gênio arrebatado e irascível”⁶.

A descrição literária do personagem e a divisão entre ânimo e gênio não poderia ser mais ilustrativa de um espectro de fenômenos que tenho observado na clínica. São traços de generosidade e gentileza excessiva (ânimo), algumas vezes estereotipada, que ocultam uma personalidade irascível (gênio), cujo convívio íntimo é pontuado por mau-humor, extrema teimosia, e o que comumente se denomina de rigidez de pontos de vista. São também pessoas encontradas com muita frequência em movimentos fundamentalistas. Quase que uma espécie de perfil deste grupo.

Estes pacientes quando procuraram a análise se ocupavam longamente com crises em suas relações amorosas. Não fossem estas crises, talvez nunca tivessem procurado a psicanálise. Portanto, eles trazem uma complicação adicional – a necessidade de desenvolver um interesse pelo seu funcionamento mental, ou de perceber a existência de uma mente própria. E se surpreendem e se irritam por esta percepção, a qual se soma o sentimento de perda de tempo na vida por não terem se dado antes esta oportunidade.

5 Depois que citei o exemplo me dei conta de que o personagem principal do livro é meu homônimo Arnaldo Loureiro, um vaqueiro cearense, simples, mas que luta pelo que quer e enfrenta tudo pelo amor e seus ideais. O vaqueiro trabalha para o capitão-mor, de nome também Arnaldo Campelo. Arnaldo enfrenta todos os riscos necessários com a esperança de um dia conquistar a simpatia da meia irmã do capitão-mor, Dona Flor. Arnaldo é descrito ao longo da obra como arreado, simples, e bom. Chega a ser uma figura misteriosa, atenta a todos os pedidos de seu patrão e se mostrando um funcionário exemplar, ele tem o hábito de dormir no alto de árvores na mata. Sua submissão é reconhecida como digna. O único rival de Arnaldo se chama Marcos Fragoso, e Dona Flor é prometida para Leandro Barbilho. No dia do casamento, inimigos do capitão-mor surgem, acontece um tiroteio onde Leandro Barbilho morre. Arnaldo tenta consolar Flor enquanto ela lamenta. A história acontece no sertão de Quixeramobim, Ceará. No final o capitão-mor reconhece a bravura e dignidade de Arnaldo, e permite que ele use seu sobrenome, Campelo.

6 Editora Jose Olympio, 1955, Rio de Janeiro.

Na *Divina comédia*, os iracundos ficam juntos daqueles acusados de inveja e arrogância no quinto círculo do Inferno, onde se situa o rio Estige, o rio da invulnerabilidade. A associação é bem significativa: irascibilidade, inveja, arrogância.

O Estige aparece em várias histórias da Antiguidade. Numa das mais comuns, Tétis tentou tornar o seu filho Aquiles, invulnerável, mergulhando-o nas águas desse rio. Porém, ao mergulhá-lo, suspendeu-o pelo calcanhar (o calcanhar de Aquiles), ficando esta parte vulnerável, o que acabou sendo o motivo de sua morte durante a Guerra de Tróia.

Não deixa de ser sempre surpreendente que estas histórias provenientes da literatura e da mitologia ilustrem achados clínicos na sessão de análise e nos permitam visualizar um portal para um campo onde os personagens mitológicos ganham vida falando aos nossos ouvidos com a voz dos pacientes. Essas histórias são como sonhos da humanidade e nos possibilitam trabalhar num plano onírico-poiético desenvolvendo hipóteses de trabalho no campo analítico. Este plano resgata sempre a originalidade da psicanálise presente desde que Freud trouxe ao mundo a *Interpretação dos Sonhos* (1900) e não a explicação dos sonhos.

ELEMENTO Ψ

A relação entre ânimo e gênio, e outras combinações tais como onipotência e desamparo, apresentada pelo mito de Aquiles, será por mim colocada neste ensaio como uma espécie de tela onde se desenha a relação entre a pré-concepção edípica e sua realização (Bion, 1962) para dar à luz concepções no espectro narcisismo <--->social-ismo (Bion, 1962) do objeto psicanalítico.

A complexidade inerente ao modelo será abordada em vários pontos, ficando implícitos os fundamentos de uma mudança de paradigma na psicanálise (Chuster, 2011).

As demais ideias que serviram de base teórica para o presente ensaio podem ser encontradas nos artigos de W. R. Bion: *Como tornar proveitoso um mau negócio* (1979), *Atenção e interpretação* (1970) e *Transformações* (1965). Tomarei,

sobretudo, a questão do artigo de 1979, a qual parafraseando colocarei da seguinte forma: duas personalidades se encontram num ponto em que qualquer coisa que digam ou façam produz uma terceira em comum que se torna uma personalidade irascível. E tudo leva a crer que esta relação se trata de um “mau negócio”.

Em outras palavras, essa personalidade não aparece facilmente em outras relações. Mas quando essas duas pessoas específicas se encontram, e existe um vínculo amoroso (L), a personalidade irascível emerge e, por vezes, se torna incontrolável em seus efeitos e, estes, além de serem crescentes, só cessam quando os indivíduos em contato se afastam. A violência típica das relações primitivas é bem observável, e parece ser fruto de um convívio onde uma série de coisas deixou de ser dita e esclarecida.

Em outras palavras, o “não dito” predominou e foi gerando transformações projetivas (Bion, 1965): uma forma lenta de intoxicação da personalidade com sentimentos de ódio (H) e elementos-beta.

Com o tempo, as transformações projetivas acabaram saturando o campo e estabelecendo a predominância de transformações em alucinação (Bion, 1965). Estas podem ser definidas como um funcionamento mental dominado por uma lógica de rivalidade e crueldade do superego primitivo visando alcançar uma superioridade moral. Trata-se de uma espécie de vínculo onde um indivíduo procura empurrar para dentro dos outros os seus sentimentos de desamparo, menos valia, e inferioridade, enquanto permanece na lógica da onipotência. É no campo das transformações em alucinação que habita a personalidade irascível.

No momento farei a seguinte indagação: se é fato que a personalidade irascível desaparece quando as pessoas se afastam então qual é a “química” (termo que estes analisando curiosamente com frequência utilizaram) que a faz aparecer? Existe algo assim como uma “química” de palavras ou uma espécie de gatilho que a dispara?

Uma visão psicanalítica a partir de Bion nos mostrará inicialmente a “química” da parte psicótica da personalidade (Bion, 1957) em difíceis combinações (acordos)

com a parte não psicótica da personalidade, isto é, está presente um terror de aniquilamento iminente, a predominância de impulsos destrutivos transformando o amor em sadismo, o ódio à realidade interna e externa e ao aparelho que faz a ligação entre essas realidades (função alfa) e, a formação de relações precipitadas, porém frágeis (relações superficiais e voláteis) que, com frequência, são interpretadas como sendo fruto do discurso da pós-modernidade.

CASO 1

O paciente XZ lamenta comigo a fama de ser uma pessoa muito mal-humorada em seu trabalho, e se diz perplexo com este rótulo, pois acha que costuma ser muito gentil e generoso com todos em sua posição de liderança numa grande empresa estatal. Eu consigo observar que o seu semblante se mostra sempre tenso e sisudo quando entra em meu consultório e, ao mesmo tempo, ele é muito culto, educado e, sobretudo, gentil. Minha hipótese inicial foi que poderia estar receoso por algum perigo no vínculo que estabelecia comigo. Essas sensações de perigo comumente surgem quando existe algum grau acentuado de dissociação na personalidade, perceptível neste paciente pela diferença entre a autoavaliação, a queixa e a conduta. A conduta desmente a autoavaliação que a queixa tenta desmentir.

Um sonho que trouxe logo no início da análise me fez imaginar o modelo do adolescente que quer ser respeitado despertando medo nas pessoas que considera seus possíveis ou potenciais “inimigos” através de uma aparência física e de vestuário esdrúxulo.

Este modelo coloca em questão o confronto entre essência e aparência. Isto é, uma aparência sem essência é tão falsa quanto uma essência sem aparência, mas, o psicanalista não pode se prender a esta distinção, pois não existem escalas pelas quais podemos medir tais parâmetros. Entretanto, podemos apontar as soluções inadequadas que eventualmente se oferecem a nosso escrutínio. O exemplo que Bion nos dá é o do soldado que serviu de modelo para os cartazes de alistamento por sua boa aparência, qualidade que nada vale na frente de combate. Um diálogo pautado pelo princípio de Prudência na ação (Bion, 1979) é sempre produtivo nestas ocasiões.

O paciente veio de outra experiência de análise. De acordo com ele, esta experiência falhou muito, e me alerta dizendo que seu ex-analista com frequência ficava irritado nas sessões. Quando procurei esclarecer como percebia este acontecimento, XZ me conta que este analista com frequência tornava-se irônico e ria de forma sarcástica, além de dar interpretações moralistas. Por conta desta atitude, que sentiu como desrespeitosa, pouco séria, e insuportável, deixou esta análise. Estava decidido a nunca mais procurar tratamento, mas foi convencido por uma espécie de “ultimato” da esposa, que estava também em análise, e lhe assinalou a repetição do conflito em casa. XZ acusava a esposa de estar sendo superficial e sarcástica. Esta retrucava da mesma forma e a discussão disparava uma espécie de crescente e ruidoso frenesi que provocou, mais de uma vez, intervenção policial acionada por vizinhos.

XZ me relatou que quando entra no seu carro para ir ao trabalho a quantidade de “coisas erradas que vai encontrando pelo caminho” o enfurecem de forma crescente. Grita palavrões e esbraveja dentro do carro até chegar transtornado no trabalho. Algumas vezes relata que chega “dolorido e exausto”, pois soca várias vezes o volante e o painel do carro. É quando a aparência sisuda surge para neutralizar possíveis interlocuções que possam “tirá-lo ainda mais do sério”.

Eu assinalei que o significado de sério me parecia ser o estado mental em que não estava irado; como se a ira que lhe acomete não fosse uma coisa séria. Por que sua ira não é séria ou algo que não merece ser visto ou tratado com seriedade? E como ele tinha certeza de que haveria “interlocuções” para provocá-lo?

O uso da palavra “sério” sofreu uma inadequação, transformou-se em uma ironia maliciosa, pois o que ou quem não está sendo sério? Ele ficou em silêncio com minha questão, mas percebi uma visível inquietação. Afinal, eu apontei o funcionamento do “ex-analista” e demais objetos “irônicos e não sérios” dentro dele, ou, visto de outra forma, um objeto interno com conceitos específicos e singulares se desdobrando no vínculo ficava exposto como origem do perigo que sentia estar correndo.

Numa outra sessão ele chegou um pouco atrasado e irritado e se queixou de um

taxista “lento” que não arrancou logo que o sinal abriu; e descreveu cada vez mais irritado uma série de impropérios que deveria ter dito: uma boa descrição da técnica e da situação analítica em curso pelo vértice –H.

Neste momento me veio à mente como memória-sonho uma série de associações semelhantes que XZ me descrevera em outras sessões e, antes de mencioná-las, pontuei que no meu entender, o trânsito era simultaneamente uma representação da análise e uma representação do espaço social onde se encontravam em igualdade de condições pessoas como o taxista lento, o motorista ansioso que buzina com o trânsito parado como se pudesse com isto movimentar os demais carros, o motorista que não usa seta como se os demais pudessem adivinhar o que vai fazer, enfim, são diversas situações que levam à pergunta: encontramos falhas de funcionamento mental junto a uma crítica que parece moral e logicamente correta?⁷

O analisando, ao escutar o que eu disse ficou visivelmente irado; sua mão se fechou como se fosse dar um soco, sua respiração ficou ofegante, a pele do rosto enrubesceu. Do meu ponto de vista começávamos a ter uma conversa real. Por que ter que escutar outra pessoa dizendo o que ele mesmo falou lhe causa ira? Ou o que causou a ira foi a minha pergunta feita a partir do que ele dissera?

Em outra sessão, além das queixas sobre os engarrafamentos por excesso de veículos, os buracos na pavimentação, trouxe um panorama nacional: o prefeito que não liga a mínima para esses problemas do trânsito, o governador que é conivente com o prefeito, a Presidente da República conivente com o amiguinho governador e por isto não toma medidas contra a incompetência dos governos estaduais e municipais...

Assinalei que a sequência de pessoas que ele associara possuía uma hierarquia

7 Do meu ponto de vista confrontei dois estados mentais: o significado socialista das transformações em K buscando um entendimento com o significado narcisista das transformações em alucinação buscando uma superioridade moral.

como num grupo. Não poderíamos perder de vista que isso poderia ser algo bem mais antigo, talvez um problema que pode ter começado em seu grupo familiar com atitudes excessivas e abusivas de seus pais. Qual o sentido da atualização destes comportamentos excessivos e abusivos? Uma falha do funcionamento mental de um pai tirânico que causou sentimentos de humilhação e ressentimentos no filho que, por sua vez, os traduz por ira e desejos de vingança, desejos deslocados, portanto, nunca satisfeitos?

Usando nosso primeiro par de palavras combinadas para descrever a personalidade irascível, ânimo e gênio estão em dificuldades para chegar a um acordo.

Fernando Pessoa que amava o dito espirituoso, a máxima graciosa, a expressão sintética, o paradoxo, disse certa vez “todas as frases do livro da vida, se lidas até ao fim, terminam numa interrogação”. O paciente parece ir numa direção contrária, ou seja, encontra-se numa busca crescente de uma certeza que elimine suas interrogações. Parafraseando Pessoa: para o irascível todas as frases do livro da vida deveriam terminar em certeza e previsibilidade. Parece que o fato de ter reproduzido suas palavras para que ele as escutasse inseriu incerteza na nossa conversa. Ou seja, mesmo que as palavras sejam as mesmas algo sempre muda que as torna diferentes. Este algo se chama personalidade, ou mente, ou alma, Eros e Psique, gênio e ânimo, que ficam frente a frente numa experiência de turbulência emocional. Este é o mau negócio ou uma situação adversa. Assim, tudo que se tem a fazer é tentar tirar proveito de um “mau negócio” ou como tornar proveitosa uma situação adversa (Bion, 1979).

Recordo-me aqui de uma ocasião em que assisti a uma aula para violinistas profissionais dada por Yitzhak Stern, um dos maiores violinistas de todos os tempos. Ele tocava um pequeno trecho de Brahms e pedia para os alunos repetirem. Os alunos repetiam, e do meu vértice de ouvinte leigo o repetido era exatamente igual ao do mestre, mas ele dizia que não e, mais uma vez tocava na esperança que os alunos acertassem. Entretanto, do vértice dele os alunos não acertavam e ele foi visivelmente se irritando, ficando enrubescido, elevando a voz. Lá pela décima repetição um dos alunos irado falou aos brados que ninguém ali podia ser Yitzhak Stern. Ele rapidamente acatou a crítica e humildemente pediu desculpas

pelo seu perfeccionismo. Os alunos entendiam o que o professor queria dizer, mas a diferença entre eles estava em não ser perfeito. De ambos os lados.

ATENÇÃO: IRASCIBILIDADE NO MITO DE ÉDIPPO

No mito de Édipo podemos destacar personagens que se tornam irascíveis por conta de uma simples pergunta. Bion (1957) na sua releitura do mito mostrou o problema da arrogância presente na busca da verdade. O Oráculo se enfurece com a indagação de Édipo e o expulsa com as palavras “Afasta-te daqui, ó miserável...”. O que é que enfurece tanto o Oráculo se a sua função era exatamente a de responder perguntas?

Atraindo com o gentil portal “conheça-te a ti mesmo”, o Oráculo não diz toda a verdade, traindo o interrogante, e o aterroriza cruelmente ao não esclarecer a verdadeira história. Reivindica para si o essencial, a sua revelação só mostra uma faceta, uma parte da verdade⁸.

O Oráculo faz com Édipo o mesmo que antes fizera com seu pai, Laio. A solução de ambos para se precaver do trágico, por conta da resposta incompleta e inadequada leva-os exatamente ao destino miserável de que pretendiam fugir. Uma fuga da verdade causa uma situação desastrosa onde deveria haver uma negociação das posições EP<->D (uma modificação da realidade).

Comparo o Oráculo ao psicanalista que não emprega em suas interpretações palavras combinadas que forneçam uma descrição espectral do vínculo tais como Eu-Tu, desamparo-onipotência, dentro-fora, amor-ódio, essência-aparência, bom-mau, etc., deixando o vínculo na posição EP, ou ao psicanalista que dá interpretações saturadas e respostas no ponto onde uma nova questão deveria proporcionar uma expansão do pensar.

⁸ Sugiro que a resposta irascível do oráculo representa também o rejeitar alguém que não estivesse funcionando na mesma faixa de onda, aliás, bastante estreita. Por isso, como ocorre em toda estreiteza mental decorrente da parte psicótica, o oráculo age de forma cruel em relação a Édipo.

Em *The Grid* (1977), esta singularidade da interpretação em Bion está bem estabelecida e nota-se a preferência e o desenvolvimento original sobre as construções freudianas, sobretudo quando ele menciona o uso das mesmas na demonstração do que chama de simetria. Ele diz: “Freud falou sobre esta contribuição em *O futuro de uma ilusão*. Aplicando a construção, a arma polivalente da simetria, sugiro que necessitamos considerar o futuro de uma analogia, o futuro de uma “ilusão”, o futuro da “transferência” que é o nome dado pelos analistas a uma forma poderosa e particular de relacionamento. Se pudéssemos sistematizar a transferência em um espectro de acordo com o poder emocional será algo assim: criação > analogia > transferência > delírio > ilusão > ilusão grupal > alucinação > assimetria > degeneração.

Os elementos C são usados para fornecer uma ancoragem para a relação – boca é uma âncora, seio é outra. Ambos os termos tem sido tratados como se fossem aspectos essenciais da analogia. Precisamente este é um ponto que marca a divergência entre o rumo do crescimento e o rumo da degeneração. A boca e o seio são importantes até o momento que definem uma ponte entre os dois. Quando usurpam a importância da ponte, o crescimento fica prejudicado...”.

Em outro ponto do mito, ao encontrar Tirésias, Édipo é alvo da ironia do profeta que conhece a verdade, mas propõe a manutenção desta nos limites confinados do sonho, negando o vínculo interrogante estabelecido entre eles - só um lado conta. Tirésias⁹, que também foi alvo da ira da deusa Hera por revelar a verdade, nos coloca uma questão central: Devem ser os sonhos usados apenas para reprimir? Ou devem ser os sonhos usados como paradigma do funcionamento mental que digere a realidade e a nos apresenta como um apelo forte ao pensar? Um funcionamento que nos permite ver o objeto em duas perspectivas, uma visão

⁹ Tirésias teve a experiência de ser homem e ser mulher como castigo por ter visto o segredo das cobras em coito e ter matado, primeiro a fêmea e, sete anos após, o macho quando voltou à condição de homem. Como sabia dos segredos de ambos foi convocado por Zeus para falar a verdade na disputa que havia entre ele e Hera. Todavia, a verdade revelada retirou o interesse sexual de Zeus por Hera: a mulher goza nove vezes mais do que o homem. A ira de Hera cegou Tirésias, mas a compaixão de Zeus lhe deu o dom da profecia.

binocular, ou seja, numa dialética circular de dentro para fora e de fora para dentro e no vínculo entre analista e analisando.

Prosseguindo em sua caminhada, Édipo na encruzilhada de Delfos se depara com Laio e discutem em nítida rivalidade o direito de passagem. Laio se enfurece, e sua ira é representada por Polifonte, o condutor da carruagem real. O resultado é que Polifonte ataca Édipo que se defende da lança invertendo-a. Polifonte morre, a carruagem dispara sem condutor, cai num precipício, e Laio morre de acidente.

Mais além do ato de poder, seja pela força ou pela autoridade, temos aqui luta física e a ira causando mortes por acidente de trânsito. Nada muito diferente do que acontece em nossas cidades modernas. Nada muito diferente do conflito de XZ. Nada, portanto, que se possa atribuir a um conflito da pós-modernidade como alguns destes pacientes procuram explicar. Mario Quintana, o poeta, dizia: Não há besteira de agora que não tenha sido dita por um sábio grego de outrora.

Em seguida é a vez da ira e arrogância da Esfinge que propõe um enigma desafiando os jovens que desejam sair ou entrar em Tebas: “decifra-me ou te devoro”. Ao obter a resposta certa de Édipo, a Esfinge iracunda, se mata. Aqui temos como consequência da arrogância, o suicídio. O significado se repetirá no suicídio de Jocasta antes de ser morta por Édipo que, por sua vez, se cega com o broche daquela que lhe traía.

Exílio, exclusão, preconceito, rivalidade, disputa, traição, acidente e morte são elementos de uma *Grade negativa* (Chuster, 2002) que vão se desfiando na “química” da irascibilidade.

Na Encruzilhada, e demais momentos onde poderia haver uma negociação a ira causa um desastre e produz um apego a uma identidade inadequada.

Com muita frequência o paciente irascível se expressa para negar sua dificuldade em negociar dizendo: eu sou assim, isso sou eu e ponto final. Nada mais fatal do que esta frase. O que ele pensa que o constitui como sujeito de tal forma que não se arrisca a perder essa identidade. Mas qual identidade: a personalidade irascível?

Certamente que um objeto emerge do ódio, mas qual objeto?

Existe algo de grandiosidade e onipotência nas expressões dadas pela ira e, muitas vezes, isso é que mantém o objeto atraente. Em outras palavras, nas pessoas intolerantes à frustração, a imaturidade, a confusão, o desamparo e a impotência são substituídos por prematuridade, ordem, onipotência e poder.

CASO 2

WA é um paciente que possui uma gagueira muito sutil. Ele mesmo não tinha se dado conta dela até que a assinalei. Foi como perceber o erro de uma nota no todo da música. Ela aparece em geral quando não está podendo falar do ódio que sente. Mas quando externaliza seu ódio com xingamentos sua gagueira dá lugar a um discurso mais fluido e inteligível, apesar de no geral ser muito falante e articulado.

Nas sessões iniciais de sua análise notei uma significativa inadequação no discurso: ele descrevia o seu sentir pelo que se pode chamar de uma opinião racional, ou tentava aplicar um raciocínio explicativo às suas emoções. Ao mesmo tempo, apresentava a típica queixa de pessoas que quando dizem que estão “cansadas de pensar” não se dão conta de que na verdade não pensam ou nem chegaram a pensar, mas apenas raciocinam na tentativa desesperada/onipotente de encontrar uma fórmula que lhes dê a solução para os problemas. Noites mal dormidas são gastas neste tipo de atividade mental que deveria ser feita pelo sonhar. E dormir mal produz mau-humor que, por sua vez, produz irascibilidade.

Este paciente trazia por escrito os temas sobre os quais gostaria de falar na sessão, mas quando eu lhe disse que algo se perdia quando ele lia e, por isto, não conseguia entendê-lo bem, ele se irritou e começou a falar de uma forma mais direta. Assinalei seu sentimento como sendo parte de uma conversa real mais além da superfície do papel. Todavia, ele parecia continuar irado com o que eu dizia.

No filme *O discurso do rei*, a gagueira do Rei ocultava uma personalidade irascível. Quando este conseguia expressar sua ira pelo pai tirânico e cruel, seu discurso fluía livremente. A gagueira desaparecia. O Rei era um homem extremamente amável

e gentil com sua mulher e suas duas filhas. Aliás, uma delas é hoje Elizabeth, a rainha da Inglaterra.

A origem familiar de WA não era obviamente a realeza, mas seu pai o convenceu quando criança que faziam parte de uma elite, simplesmente por não serem originários do país. Vinham de outra cultura que seu pai considerava superior à brasileira. Todavia, quando ponderei que a cultura superior não tirou seu pai da pobreza e, que apenas o conhecimento que uma faculdade brasileira lhe dera é que tornara possíveis seus sonhos de uma vida rica, ficou perplexo e depois irado com a própria perplexidade. Era como se fosse uma espécie de arrependimento por estar fazendo análise, e ainda característico desta situação ele diz: nunca havia pensado nisto antes. Eu complico dizendo: como se tudo que fosse pensado, você teria que ter pensado primeiro.

Há uma grande diferença entre a criança idealizar o pai porque está em estado de desespero e precisa descarregar este sentimento criando uma ilusão onipotente, e a criança idealizá-lo porque está em busca de expressão para sentimentos de admiração e com isto cria uma figura acolhedora. Neste último caso, o problema da frustração só aparece se surge uma incapacidade de tolerá-la pela parte fundamental do vínculo. Na segunda hipótese, o indivíduo tem capacidade para amar e admirar, mas, no primeiro caso, o paciente pode não ter nenhuma capacidade para amar, mas apenas uma enorme voracidade para receber amor. Nesta situação a cisão é muito maior e mais grave. Neste ponto encontrava-se WA.

Diz Bion, em *Atenção e interpretação* (1970, p.104):

Um homem falando de sua experiência emocional começa a gaguejar cada vez mais forte à medida que a memória se faz mais vívida. Eis os aspectos significativos do modelo; o homem tentava relatar sua experiência emocional em palavras, e tentava conter-se como às vezes se diz de alguém prestes a perder o controle; ele tentava conter as forças inimigas em determinada zona. As palavras destinadas a representar o sentido eram fragmentadas pelas forças emocionais para as quais apenas buscava uma expressão verbal; todavia, a formulação verbal não conteve as emoções, que se romperam e se dispersaram, do mesmo modo que as forças inimigas rompem as forças que lutavam para contê-las...

INDAGAÇÃO: O COMPLEXO DE ÉDIPO À LUZ DA COMPLEXIDADE

A questão seguinte que vou abordar é a configuração edípica a partir das ideias de Bion. Em termos gerais, podemos dizer que onde Freud desenvolve o vértice da dissolução do Complexo de Édipo penso que Bion considera o futuro do Complexo de Édipo pelo vértice de uma evolução/involução. Este é um vértice que podemos nomear de vértice da Complexidade. Não se trata de uma estrutura intersubjetiva e tampouco de uma ordem explicada. Os vínculos por ele descritos se desdobram numa ordem implicada, como num plano de Riemann, no qual as soluções vão surgindo com o aumento do número de planos e das funções, ou seja, com a complexização dos problemas apresentados.

Em que condições a configuração edípica evolui/involui? E quando podemos dizer o que é uma evolução positiva e outra negativa? Inicialmente estaremos de acordo com o que Bion chamou de versão alfa e versão beta do mito edípico. A primeira cria e agrega elementos simbólicos à memória e ao pensar e a segunda os consome, tal como aquele erro que ocorre no sistema Word do computador quando tecelamos uma letra para corrigir uma palavra e ela apaga outra mantendo o erro de escrita.

Por outro lado, acho significativo destacar as configurações evoluindo/involuindo em três patamares explícitos em *Atenção e interpretação* (1970). Os patamares são os vínculos parasitários, comensais e simbióticos. São termos retirados da Biologia por Bion, mas os significados não são necessariamente coincidentes com os da ciência.

O Édipo comensal é o mais conhecido na psicanálise. É o texto Édipo Rex de Sófocles tal como Freud nos mostrou. Envolve a relação com a verdade em termos de acordos sociais (os indivíduos comensais, como diz a própria palavra, são os que comem da mesma comida). São os pactos e leis feitas pela sociedade para extinguir os crimes incestuosos e parricidas. A configuração permite relacionar a ausência da mãe à presença do pai ao qual está reservado o direito de gozo sobre a mãe. O pai impede os filhos de terem acesso incestuoso à mãe, assim como esta impede o acesso parricida, denominando que não pode viver sem este pai. A matemática é sempre $1+1=3$.

O Édipo simbiótico é o Édipo em Colona, cego por consequência de sua arrogância. A luta para buscar a Verdade se confronta com os esforços para obstruí-la vindos das acusações de arrogância por buscá-la. Todavia, para que isto ocorra é preciso que a verdade seja ameaçadora da ordem do sistema. De uma maneira geral, envolve os acordos instáveis e mutáveis entre as partes psicóticas e não psicóticas da personalidade. A configuração permite relacionar a ausência da mãe à ausência do pai que prefere o gozo com outras mulheres. O pai está ameaçado de parricídio por conta de seu comportamento libertino, a mãe ameaçada de incesto por conta de sua tirania contra este pai. A arrogância é o fator predominante nos personagens que se opõem ao encontro da verdade e pode terminar em tragédia: cegueira, exílio, morte, suicídio, acidente. A matemática é $1+1=2$.

O Édipo parasitário é o menos conhecido. Como o próprio nome indica no grego, parasita é o que come a comida dos outros. A verdade deve ser recusada de qualquer forma e devem-se criar mentiras para combater qualquer possibilidade de seu aparecimento. São fatores que tornam o indivíduo e sua produção estéril. Podemos pensar aqui nas possibilidades interpretativas descritas no personagem Antígona. Ela morre duas vezes, a primeira vez na esterilidade por ficar presa e condenada a cuidar do pai cego, a segunda vez ao ser emparedada pelo tio ao buscar o poder. Neste tipo de solução edípica encontramos pacientes cuidando de projetos que não conduzem a nada (cegos). Na impossibilidade de dar um conceito à intuição cega surgem as patologias de enclausuramento. Temos aqui também as questões ligadas à infertilidade em geral. A configuração permite relacionar a presença da mãe à ausência do pai que se omite de suas funções. Todavia, a mãe se torna infértil, não mais procria e por isto precisa que a tirania prevaleça. A matemática é $1+1=0$.

UMA APLICAÇÃO PRÁTICA

Outra possibilidade de acompanharmos os três tipos de configuração edípica encontra-se no tipo de desenvolvimento de uma sessão de análise. Green (1973) descreveu-os de uma forma bem ilustrativa sem nomeá-las como estamos fazendo. Assim podemos considerar nosso tema como uma expansão das ideias que foram apresentadas por Green como sessões tipo I, II e III (1973, p.172).

A sessão parasitária (dominância afetiva): Dominada por um clima opressivo, apresenta silêncios pelos quais se percebe que algo está sendo evitado. O discurso é dominado pela atualidade: atualidade da presença do analista que não pode, nem por um instante, ser posta em parênteses, atualidade do conflito que domina a vida do analisando, atualidade do real e do mundo exterior, que aprisiona o analisando e sufoca sua fala. Esta é surda, monótona, como que aprisionada pela presença do corpo que se exprime apenas pela voz. O discurso é uniforme, trata-se de um relato descritivo em que não é perceptível nenhuma alusão ao passado; desenrola-se segundo um fio contínuo que não pode se permitir nenhuma ruptura. Essa fala cativa pode absorver o analista de uma forma que o faz sentir-se prisioneiro do analisando tanto quanto o analisando se sente prisioneiro do próprio corpo. A identificação projetiva excessiva tem toda a liberdade enquanto restringe outras formas de comunicação.

A sessão simbiótica (dominância representativa): a sessão é dominada aqui por uma extrema mobilidade de representações de todos os tipos. Tão logo se deita o analisando tem muito a dizer. Reflexões da sessão anterior, de tudo o que foi vivido até então. O trabalho associativo vai num bom ritmo, a língua é solta e rápida, quase torrencial. O analista pode ficar afogado sob a torrente de palavras, as imagens se apresentam em massa, tudo aparece como numa enorme refeição compartilhada por cônjuges, amigos, relações de trabalho, as leituras, os filmes. Em alguns momentos existe espaço para uma conversa, mas o trabalho parece lento.

A sessão comensal (dominância de afetos e representações concatenados): a sessão tem como característica essencial a de suscitar a escuta do analista como efeito do desejo do paciente de ser ouvido, O discurso se engrena a partir do que se apresenta ao seu espírito numa abertura inicial que, ao longo da sessão, vai se estender ou se restringir de acordo com os momentos de tensão ou distensão da situação transferencial. O analista está presente para o paciente, mas sua presença, motor da fala, não precisará nem ser conjurada, nem ser cativada. Para quem o analisando fala? Certamente para o analista, mas também para o Outro representado por ele, para si mesmo e, enfim, para ninguém e para nada. Ele fala para dizer, mas e embora em alguns momentos fale por falar, existe uma fala

fundamental que constrói uma cadeia de significados.

CASO 3

AND procurou análise dizendo-se, há muitos anos, “destroçada por dentro” e “sem esperança de uma solução”. Frisou bastante esta última frase com lágrimas e clara expressão facial de dor. Anos antes fora encaminhada a um psiquiatra que a diagnosticou como portadora de transtorno bipolar e medicou-a com antidepressivos, ansiolíticos e estabilizadores de humor. Todavia, AND diz que continuou se sentindo infeliz, com perda de memória por causa da medicação, intoxicada, levando uma vida que não sentia vontade de viver. Estava anestesiada para a vida. Não podendo sofrer sua dor também não podia sofrer prazer.

Suas relações pessoais e amorosas ocupavam longamente as sessões e foram descritas como um contínuo desapontamento que trazia falta de esperança no futuro. Contudo, no desenrolar da análise, sentindo-se escutada, questionou seu papel submisso em relação às pessoas, sua necessidade irrefreável de agradar e se sacrificar pelos outros, em detrimento muitas vezes de sua saúde pessoal. Penso que essa reversão de perspectiva se iniciou quando ela comentou que não tinha mais esperança, pois nem Deus a escutava e, eu ponderei: Claro que não, pois a esperança é o único sentimento que Deus não possui. Eu pensava estar interpretando a restrição produzida por sua onipotência para lidar com o desamparo, e o efeito foi surpreendente.

Suas queixas em relação ao marido que dizia ser frio e insensível aumentaram e, com isto, uma personalidade irascível veio à tona com intensos conflitos em sua área íntima. AND passou a tomar iniciativas que desagradavam a família, afinal perdiam as vantagens que auferiam de sua generosidade e gentileza. A família passou a fazer pressão sobre a análise dizendo que ela piorava cada vez mais.

No entanto, o que eu observava era um aumento de sua sensibilidade e a retomada de muitos projetos que tinha abandonado ao longo da vida.

Num determinado momento em que o marido a ameaçava de separação por suas posições independentes decidiu retomar projetos de uma casa de campo abandonada

por muitos anos e se sentiu como num recomeço de vida: “me senti de novo como uma criança”, citando o poeta Donne, disse: “Grávida novamente de dois velhos gêmeos, Esperança e Medo”¹⁰. Expressiva combinação se tomarmos a ideia da pré-concepção se realizando em uma nova concepção com desdobramentos da liberdade de escolha acompanhada de incerteza.

O marido tentou obliterar o projeto atribuindo a sua atitude o rótulo de “doença”, e induziu a família a ficar contra ela, o que resultou num aumento do conflito e da irascibilidade. Foi neste ponto que veio à tona uma vivência de abuso sexual infantil que ocultara durante anos. Esta vivência apareceu sugerida em sonhos que se seguiram às situações de crises onde a queixa principal de AND era não ter sido escutada. Além disso, seu discurso era tomado como mentiroso e produto de uma imaginação perversa. Foi assim que vivenciou as denúncias que fez à sua mãe de estar sendo abusada por um primo mais velho. Um sentimento de culpa dominou sua vida mental e um sentido de sacrifício para expiar esta culpa passou a controlar sua vida. É como se oferecesse a si própria como “bode expiatório” dos males de sua família.

AND é portadora do que Meltzer (1997) diferencia como segredo do isolamento: algo que a pessoa deseja revelar, mas não encontra para quem fazê-lo. Quando isso ocorre é bem vinda tal possibilidade, ao contrário do segredo do conluio que expressa aspectos perversos da personalidade.

CASO 4

A paciente TR parece ter me trazido o rio Estige com a história de sua tese de doutorado que não conseguia completar. “Estava no Inferno”, dizendo-se profundamente deprimida e em oposição a todas suas colegas. Acusada de plágio, arrogância e inveja por sua orientadora, tinha crises de irascibilidade com as colegas, chegando a agressões físicas. Ameaçada de expulsão e exílio procurou análise, mas dizendo-se descrente do processo. Eu comentei: Ora, o que análise tem a ver com crença? Tem tudo a ver com quem não crê nela! A intervenção

¹⁰ “Pregnant again with tw’old twins Hope and feare” (To Mr. T.W.).

provocou uma perplexidade e uma contida irritação. Mas acho que isto a fez continuar vindo às sessões.

Nas sessões iniciais, tipicamente parasitárias, parafraseava constantemente Sartre dizendo: o Inferno são os outros... E se explicava dizendo que apenas buscava uma valorização do conhecimento que adquirira após anos e anos de empenho árduo numa determinada especialidade. O não reconhecimento era o que causava o atraso da tese. E havia pouca margem para que eu como analista pudesse falar sobre qualquer coisa. Essa era a tese que ela defendia na análise.

Assinalei-lhe que não poderíamos perder de vista que poderia existir alguma origem mais complexa e antiga para o seu Inferno: o lugar onde existe o fim da intimidade. Na realidade, eu arrisquei dizer que ela sempre foi assim, e sua história permitia que fosse confrontada com o fato que desde pequena sentira ira pela atitude arrogante de seu pai, um intelectual de renome. Sua escolha profissional passou a ser a tentativa de um triunfo moral sobre a atitude do pai. Mas este triunfo apenas reproduzia a figura paterna, pois seus conhecimentos eram impostos aos demais como uma forma de exercício da arrogância.

Como Aquiles, TR tinha seu calcanhar; não se tratava apenas de estar limitada a lidar com seu desamparo recorrendo à onipotência, mas, também da solução inadequada desenhada pelo funcionamento de uma expressiva personagem da tragédia edípica: Antígona.

Quando TR se sentia desamparada e humilhada, a personalidade irascível emergia com todas as características descritas por Bion como personalidade psicótica.

TR trouxe um sonho: estava assistindo uma peça de teatro onde o próprio autorestava presente na platéia apontando para uma estatueta de Eros e Psique (tenho esta estatueta em meu consultório).

Ela associa que o autor, Beckett, foi secretário de James Joyce, quando então se sentia inibido para escrever. Também assinala que no sonho Beckett estava apontando para onde Joyce aponta no final de Ulisses: o mito de Eros e Psiqué

através dos personagens Stephen-Bloom e Molly.

Há um sentido de atualidade da análise no sonho em que ambos os personagens dentro de TR trabalham em conjunto na análise para vencer uma inibição causada por um objeto edípico específico. Todavia existe também uma cesura entre dois estados mentais, entre dois autores e personagens criativos. E nessa cesura o que nos cabe visualizar é a continuidade entre os personagens, o mito pessoal entre eles e entre nós, analista e analisando, transitando como no Rio Estige. Uma forma de se falar sobre o que acontece na sessão de análise e todas as expectativas que para ela se dirigem.

TR assim como os demais pacientes irascíveis mencionados muitas vezes culpam cegamente a crise das suas relações amorosas por seus problemas na vida e, numa espécie de defesa intelectual, culpam também a “pós-modernidade” que as obriga a posições difíceis de escolha. Em termos Kantianos, a intuição cega e o conceito vazio não se juntam. Ou em termos de Bion, a pré-concepção não encontra a realização adequada. Ou Eros não encontra Psiquê.

Eros, divindade cruel e cujas flechas não respeitam nem sua mãe e nem o próprio Zeus, apaixonou-se por uma mortal Psique. Eros é o elemento inato da pré-concepção, Psique o elemento variável com a experiência. No processo de realização se apaixonam de forma realista, o amor é mútuo e compreendido, nenhum dos amantes é objeto de contemplação platônica e terminam por se casar, surgem as concepções que guardam o valor de pré-concepção e assim o processo de pensar não cessa nunca. O conto de Apuleio anuncia uma visão do amor (vínculo L) que destina a mudar.

Molly, a personagem de Joyce diz: flor da montanha que coloquei no cabelo como faziam as moças andaluzas colorem meus beijos sob a parede mourisca e permito que seus olhos me fitem e falem da minha flor da montanha e posso envolvê-lo em meus braços sim para que possa sentir meus seios e meu perfume e possa seu coração bater acelerado e eu digo sim, quero sim...

A torrente de palavras na sessão é um grande sim à vida, um sim indiferente do

bem e do mal, um sim que pode ser egoísta, prudente, ávido, generoso, opulento, cósmico, e também cruel. Um sim de aceitação que pode ser também de recusa ao confundir em seu monótono fluir: o passado, o presente, o futuro. É neste ponto que podemos nos voltar para a complexidade do Édipo com a grande questão: o que fomos e o que somos e o que seremos?

Neste momento assustador Psique e Eros arrastam a queda sem fim da transformação em O: uma queda do sujeito em si mesmo.

CASO 5

O que me surpreendeu em GM foi a aparente clarividência do seu discurso quando me diz que jamais teria procurado a análise se não fosse o auge da crise emocional com sua segunda esposa. Estavam à beira de uma separação e ele recebeu um ultimato para se tratar.

Viúvo na meia idade, quando atingira o auge de sua vida profissional, conta que passara por um período de “viúvo alegre”, negando o luto, saindo com mulheres bem mais jovens. Ele me fala de forma desdenhosa ao me explicar: todas atraídas pelo charme intelectual e pelo poder econômico. Quando indaguei qual era a certeza que tinha deste fato, ficou irritado e me responde secamente: “Nunca neguei isto”, e se recupera da irritação dizendo sorridente, “mas alguma coisa não está dando certo com minha segunda esposa e odeio estar gostando tanto desta mulher e sentindo tanta falta dela”.

Ele me faz notar que não tem nenhuma sintomatologia clássica de neuroses, tema que alega conhecer bem, pois já leu muito sobre psiquiatria e psicanálise. E “brinca” comigo dizendo que já leu mais do que eu li, uma provocação que lhe é comum fazer. Mas de algum modo se sente desorientado na vida, instável, e inadaptado. Uma ligeira tonalidade depressiva aparece no discurso, mas quando aponto esta característica, reage com a intelectualidade: minha depressão ainda que aparente é apenas uma homologia com a desestruturação da política e da sociedade. Não tenho nenhum drama agudo, nenhuma paixão intensa, nenhuma motivação maior. Já fiz tudo que tinha que fazer na vida e me recita Macbeth: “A vida nada mais é que uma sombra que caminha; um miserável ator que se exibe

e se agita até sua hora em cena. E depois não é mais ouvido. É um conto contado por um idiota, cheio de som e fúria, sem significado algum”.

O sedutor encadeamento das metáforas expressa a ruptura traduzida de uma vida de glórias – mas isto não suprime a continuidade com outros momentos que não são de glórias. Esta continuidade entre estados mentais existe porque o referente é sempre o mesmo, uma invariante é perceptível: a vida. Uma contradição se revela: uma parte desmente a outra parte que aponta para a vida que continua. Uma ruptura nova se estabelece e isso é incessante trazendo a depressão.

A ruptura é cesura, ou uma passagem a outro nível. As metáforas são possibilidades exteriores de um objeto com suas imagens, e permitem comparações. Esta exterioridade só vai fazer sentido psicanalítico se mostrada na textura da metáfora: para que haja sombra é preciso luz, para que haja ator é preciso teatro, para que haja teatro é preciso espectador, para que alguém seja considerado um idiota é preciso da arrogância do acusador, para que haja som é preciso silêncio, para que haja análise é preciso analista e analisando. Enfim, os elementos precisam se complementar, se casar, e isto não ocorre sem que se possa encarar o tipo de anulação que tenta se impor nas relações através de transformações em alucinação. A configuração edípica se tornou parasitária. Vivenciando sua segunda mulher como uma Antígona, que iria enterrá-lo e ficar com sua fortuna e nome ilustre, GM reage sem pensar tentando diminuir o amor que recebe, humilhando a esposa, sendo cruel em todas as formas sutis.

REFERÊNCIAS

- Bion, W. R. (1957) *Diferenciação entre a personalidade psicótica e a personalidade não psicótica*. In Estudos psicanalíticos revisados. Rio de Janeiro: Imago, 1988, p. 45-62 (tradução de Wellington M. De Melo Dantas).
- _____. (1957) *Sobre arrogância*. In: Estudos psicanalíticos revisados. Rio de Janeiro: Imago, 1988, p. 81-86 (tradução de Wellington M. De Melo Dantas).
- _____. (1962) *Uma teoria sobre o processo do pensar*. In: Estudos psicanalíticos

- revisados. Rio de Janeiro: Imago, 1988, p. 101-109 (tradução de Wellington M. De Melo Dantas).
- _____. (1963) *Os elementos da psicanálise*. O aprender da experiência. Rio de Janeiro, Zahar, 1966.
- _____. (1965) *Transformations: Change from learning to growth*. London, W. Heinemann.
- _____. (1970) *Attention and Interpretation*. London, Tavistock.
- _____. (1971) *Two papers: The grid and caesura*. Rio de Janeiro, Imago, 1977.
- _____. (1979) *Making the best of a bad job*. In: Clinical seminars and four papers. Abingdon: Fleetwood Press, 1987.
- _____. (1987). *Clinical seminars and four papers*. Abingdon: Fleetwood Press, 1987.
- Chuster, A. (1999) W. R. *Bion: Novas leituras*. A psicanálise dos modelos científicos aos princípios ético-estéticos, v. I. Companhia de Freud, 1999.
- _____. (2002) W.R. *Bion: Novas Leituras*. A psicanálise dos princípios ético-estéticos à clínica, vol. II, Companhia de Freud, 2002.
- _____. (2011). *O objeto psicanalítico: Fundamentos de uma mudança de paradigma na psicanálise*, edição Instituto Bion, Porto Alegre.
- _____. (2012) *Cesura e imaginação radical: obtendo imagens para a ressignificação da história primitiva no processo analítico*. In Sobre a linguagem e o pensar. Concepção e organização de José Renato Avzaradel. Casa do Psicólogo, São Paulo.
- Chuster, A. e Trachtenberg, R. (2008). *As sete invejas capitais*. Artmed, Porto Alegre.
- Etchegoyen, H. (1968). *Supervisão com Bion. Material clínico apresentado por Dr. Horácio Etchegoyen*, Buenos Aires, 1968. Revista Brasileira de Psicanálise, 27: 659-670 (tradução de Isaias Kirchbaum).
- Green, A. (1973) *O discurso vivo. Uma teoria psicanalítica do afeto*. Francisco Alves, 1982.
- _____. (1993). *El trabajo del negativo*. Amorrortu, Buenos Aires.
- Meltzer, D. (1997) *Meltzer em São Paulo*. Organização de Maria Olympia França. Casa do psicólogo. São Paulo.